

À guisa da conclusão

Ligia Amparo da Silva Santos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANTOS, LAS. À guisa da conclusão. In: *O corpo, o comer e a comida: um estudo sobre as práticas corporais e alimentares no mundo contemporâneo* [online]. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 314-320. ISBN 978-85-232-1170-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

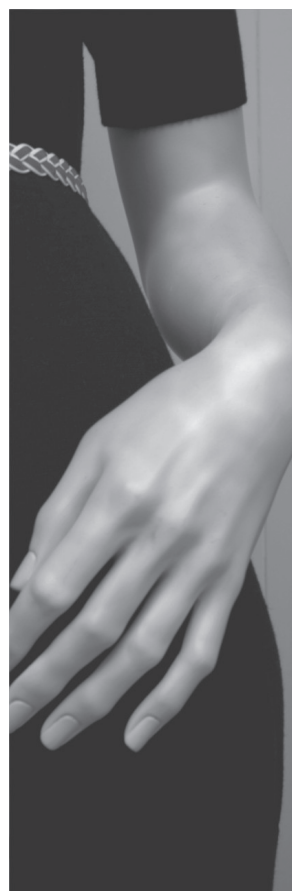


All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

À guisa da conclusão



Um argumento sustentado neste livro é que há uma espécie de *lightização* dos corpos e do comer no âmbito soteropolitano, o que, em síntese, pode representar um processo de *lightização* da existência. Desta forma, novas disciplinas corporais e alimentares, assim como modificações no espaço citadino e de seus equipamentos sociais, são construídas na tentativa de instituir uma nova ordem. Tais processos estão em consonância com as influências mundiais que ditam novos padrões corporais e alimentares como também os próprios processos de modernização pelos quais passa a cidade, fortemente capitalizada pelos empreendimentos turísticos. Destarte, para uma cidade que deseja ser moderna e integrada ao contexto nacional e internacional, não é suficiente atualizar o seu conjunto arquitetônico e o seu parque industrial. É necessário também modernizar os seus corpos, as suas práticas corporais e alimentares cotidianas.

Neste processo de *lightização* da vida passa pela valorização da leveza na existência. Obviamente, a busca da leveza do ser não é algo novo na história. Está presente nas tentativas de libertar a alma do corpo que o aprisiona, nas práticas de meditação, nas tentativas de conter as dores, sofrimentos e pecados que se tornaram pesos para a vida, enfim, existem inúmeros exemplos. No contexto da modernidade, a leveza também perpassa pela construção do indivíduo supostamente liberto das restrições sociais e familiares, sendo agora responsável pelo seu destino e definição dos seus próprios valores morais e éticos. Entretanto, é no corpo magro, jovem e saudável e no gosto *light* que a noção de leveza encontra algumas de suas materialidades mais expressivas.

Este estudo nos deixa algumas questões: quais seriam os pontos de confluência entre o indivíduo *light* contemporâneo e o indivíduo soteropolitano. Na densidade afro-barroca ainda presente nos corpos e no comer da “boa terra” pode encontrar uma leveza tropicalista quando o cantor Caetano Veloso aponta na sua canção *Alegria Alegria*: “caminhando contra o vento, sem lenço e sem documento...”, e “nada nos bolsos ou nas mãos”; ou no pai do Rock Raul Seixas que mescla os então emergentes ritmos americanos com os ritmos locais e uma boa dose de misticismo, ou ainda nas baladas do *axé music* que provocam experiências corporais eufóricas e efêmeras. Pode ainda estar nas praias, na brisa, na iluminação solar ou nos ritmos da temporalidade no cotidiano da cidade. Qualquer que seja, entre mitos e verdades, o produto “alegria” se conecta

com a noção de “leveza existencial” e está sendo vendido aos turistas e aos residentes desta terra, escondendo atrás de si o intenso “peso” dos seus problemas sociais e econômicos presentes nos quatros cantos da cidade.

Outro ponto é que, nesta lógica modernizante, o “peso” do “destino” de ser baiano ou baiana, no sentido mais comum do termo, se reduz à medida que se ampliam algumas possibilidades de escolhas, ainda que limitadas para uma grande parte da população: existem “baianidades” diversas e contemporâneas que estão sendo construídas. Citaremos dois exemplos. O exercício da corporalidade negra não se contenta em trabalhar apenas com os elementos culturais locais. O negro jovem baiano acessa o mundo via as telas da mídia e incorpora o *hip hop*, o rock, novas formas de vestir, de estilizar o cabelo e dançar, grande parte capitalizada pelos movimentos negros americanos que são mais acessíveis do que os próprios ícones africanos. Provam também o gosto do hambúrguer ao lado do acarajé.

Há também a inegável presença de outras religiosidades ao lado do catolicismo e do candomblé cuja expressividade é considerável. Os evangélicos, que freqüentemente estão em conflito com as religiosidades de base africana, reúnem um grande contingente de fiéis nos seus cultos, sendo muitos deles afros-descendentes. Neste universo, os exercícios de corporalidades são divergentes, no seu vestir, no seu andar, no seu comer, enfim, no uso cotidiano do corpo na “cidade do axé”. Como se relacionam estes corpos na cidade - que atualmente comandada por um prefeito evangélico - é uma questão.

Por exemplo, é necessário aprofundar o que realmente significa o “Acarajé de Cristo”. Em um breve olhar, não parece suficiente reduzir a questão a uma mera busca de uma fatia no mercado. Os evangélicos, sob intensos protestos das religiões de matrizes africanas, se apropriam do acarajé construindo uma ressignificação simbólico-religiosa do mesmo, abrindo assim as possibilidades da sua experimentação “sem pecados” pelos próprios evangélicos e outros baianos. É como se vissem o acarajé como um produto da “baianidade” e não mais da religiosidade afro-brasileira.

O estudo também foi permeado por uma afirmação, ainda que provisória, do comer baiano, como um comer afro-barroco. Poderíamos supor que o mundo afro-barroco dos baianos e soteropolitanos, visto como um traço característico da nossa cultura ainda nos dias atuais, também influencia as formas de comer e de compreender a comida. As marcas do excesso, da voluptuosidade do ouro que se confunde com o dendê nos seus pratos ornamentados em cores, temperos fortes e cheiros típicos, extrapolando os limites do “necessário”;

foram também traduzidas pelos entrevistados quando caracterizaram comida baiana como “pesada” e “exagerada”. Expressa também nos discursos sobre o jogo sensorial que envolve a comida baiana, quase que erótica e afrodisíaca.

Desta forma, apresenta-se para o soteropolitano um cardápio com a tríade de sanduíche natural, hambúrguer e o acarajé que, com a sua clássica atração pela diversidade, parece está optando pelos três, utilizando a sua vocação antropofágica que tão bem assimilou dos modernistas dos anos 1930.

A construção deste trabalho se constituiu em inúmeros enfrentamentos. O primeiro deles foi exatamente a construção das relações entre o comer e o corpo. As tentativas de entrecruzar as reflexões e as produções literárias dos dois campos foi uma tarefa complexa e ainda incompleta. Muito restou a se discutir sobre esta relação. Um outro aspecto foi que, assim como para o corpo, o comer e a comida também representam um desafio para a linguagem e descrição. A comida tem a sua materialidade como resultado da alquimia da cozinha – a transformação da natureza em cultura na perspectiva de Claude Lévi-Strauss –, e o seu produto final com um tempo de vida efêmero. Ou seja, a sua materialidade finda no ato do comer. Esta existência efêmera é difícil de ser apreendida. Os processos culinários têm hoje nos livros de receita e programas televisivos os seus espaços de registros e transmissão de saber, mas que não conseguem traduzir todos os aspectos – o “ponto” da consistência, o tempo necessário para marcar a divisão entre o alimento cru e o alimento cozido “no ponto”, e outros detalhes indescritíveis da experiência culinária que as sensibilidades refinadas conhecem os mistérios.

No que tange ao comer, tem-se uma prática repleta de gestos, posturas e modos de expressão com uma infinidade de detalhes complexos. Por exemplo, foi citada a noção de mistura no prato do brasileiro. Em muitas práticas do comer brasileiro e baiano, a farinha é um componente de interligação entre os itens alimentares de um prato. Para tanto, uma complexa orquestração dos talheres produzida por gestos hábeis se faz necessária, marcando diferenças culturais no uso desta prática. Percebem-se aqui as indicações de Marcel Mauss em seu texto *As Técnicas Corporais* (1974) afirmando que os gestos mais naturais são regulados em secreto pelas normas coletivas. A teatralidade do comer e as metáforas que esta prática produz são também traduzidas por outras formas de linguagem a exemplo da literatura e do cinema¹. Nas práticas alimentares contemporâneas novos gestos e metáforas são também produzidos, constantemente relendo as anteriores e criando novas.

Um outro conjunto de desafios foi o estabelecimento de diálogos entre o global, nacional e o local no que tange às realidades estudadas, mas também a interação entre as literaturas produzidas por distintas culturas. Estiveram imbricados ainda com os árduos diálogos entre a teoria e prática, o escrito e observado, o pensado e o sentido, que se ancoraram em um constante processo de ir e vir, quase que vertiginoso, para conceber esta produção.

No que tange ao enfrentamento do local, a cidade de Salvador como o primeiro recorte do estudo, abre-se um novo elenco de desafios. O primeiro é estudar o próprio meio, o que representa ser objeto e sujeito ao mesmo tempo em muitos momentos. Projetar-se no universo empírico da forma que lembra os mais clássicos recursos metodológicos da antropologia e, ao mesmo tempo, afastar-se dele foi um exercício teórico-metodológico importante. As estadias fora da cidade foram também fundamentais para a apropriação da cidade e dos objetos por ângulos diferenciados.

Além disso, mais dois pontos podem ser destacados ainda em relação ao enfrentamento local. A extensão dos impactos desta modernidade observadas neste estudo ficou restrita às margens da Baía de Todos os Santos, onde os ventos têm soprado com mais veemência, percebendo apenas os ecos da pobreza que se instalam na cidade moderna. Na sua vasta periferia, outras realidades em relação às práticas corporais e alimentares podem ser registradas, locais nos quais os ventos da modernidade chegam com uma grande fragilidade. Seriam outras leituras e interpretações das modernidades que fazem parte, de alguma forma, dos seus cotidianos. O outro ponto relevante foi o reconhecimento de que estudar estas questões em Salvador é imprescindível também estudar o Recôncavo Baiano. Estes dois espaços, que teve a sua cumplicidade umbilical segmentada pela transição do eixo modernizante para o litoral norte da cidade, têm muito a dizer sobre as práticas corporais e alimentares soteropolitanas.

No que tange ao universo empírico, o segundo recorte do estudo, o desafio foi relacionar os fragmentos de uma realidade particular e compreender estas trajetórias situando-as no contexto mais global do espaço urbano. Além disso, como consequência da escolha do espaço para a seleção dos entrevistados, a academia de ginástica, os discursos dos sujeitos estiveram mais próximos a uma aceitabilidade das novas concepções sobre o corpo e o comer. O discurso da “resistência”, ou seja, daqueles que se apresentam indiferentes ou resistentes a estas novas prescrições, ampliaria as perspectivas aqui trabalhadas. Vale lembrar

que tais atitudes não significam que os sujeitos são imunes aos processos gerais, elas também representam uma resposta a estes processos. A resistência, por exemplo, só emerge quando se tem uma ameaça. A marca deste grupo poderia ser uma expressão que escutei no decorrer do trabalho: “adoro esta promiscuidade alimentar!”. No que tange à indiferença, esta não é tão passiva ou imóvel quanto sugere, ou pretende sugerir. A indiferença é uma atitude ativa em relação aquilo que não se quer considerar ainda que reconheça a sua existência. Difere da não ação ocasionada pelo desconhecimento.

Um outro campo de desafios diz respeito ao estudar o cotidiano. Os processos de mudança nas práticas cotidianas chegam por vezes de uma forma sorrateira, ameaçam as rotinas, se instalam, se acomodam e se impõem como uma nova ordem na vida ordinária, sem às vezes termos plena consciência sobre eles. Alguns entrevistados perceberam isso no decorrer da entrevista. Perceber tais processos demanda um apuramento no olhar para desvelar nas minúsculas ações, os aspectos referentes aos fenômenos estudados. Conversar sobre o corpo e a suas práticas cotidianas é como se fosse abrir a “caixa de Pandora” que levantam as insatisfações secretas, as pequenas histórias cotidianas, segredos, banalidades, ressonâncias, contradições e conflitos que marcam as existências dos seres humanos na construção minuciosa da vida cotidiana. É um fundo inesgotável de múltiplas verdades e percepções de mundo.

Desta maneira, as questões que conduzem as práticas corporais e alimentares dos sujeitos são mais profundas do que a racionalidade médico-nutricional. Por outro lado, isso não significa negar as descobertas científicas que indicam os benefícios da dieta e do exercício físico para o aumento da qualidade de vida dos sujeitos, o que seria, no mínimo, um absurdo. No entanto, o que este estudo procurou apontar, sob a ótica dos sujeitos, questões que estão submersas no cotidiano ordinário e que se traduzem em problemas importantes para a existência humana. Muitas vezes, estas questões não são consideradas nas formulações de políticas para o corpo e para o comer, e nas interpretações destes problemas e não podem ser reduzidas a uma mera lógica da responsabilização dos sujeitos.

Por fim, este livro procurou, sobretudo, focalizar tendências do que trazer comprovações no bojo de uma cidade que se constitui em uma denominada “província planetária”, como afirma Antonio Risério (2004), que preza, desde as suas origens, pela miscigenação de tradições, diversidades e modernidades. Este foi o maior desafio...

Notas

¹ Em relação às produções cinematográficas que discutem o comer de diferentes perspectivas, pode-se citar: *A Festa de Babette* de Gabriel Axel; *Comer, Beber e Viver* de Ang Lee, *A Comilança* de Marco Ferreri; *O cozinheiro, o ladrão, sua mulher e o amante* de Peter Greenaway, dentre tantos outros.